

## BABAÇUAIS

**C**OBRINDO mais da metade do território nacional, a flora extra-amazônica ou geral encerra, como uma de suas seis zonas características, a dos cocais — florestas quase puras de palmeiras de várias espécies e gêneros. Por sua vez, a Zona dos Cocais engloba diferentes tipos de vegetação, perfeitamente individualizados, escalonados do litoral ao planalto, através dos mangues do litoral, das campinas baixas litorâneas, dos babaçuais, dos campos cerrados, das caatingas disseminadas; dos carnaubais, buritizaís e açalzaís; dos areais semi-desérticos; dos remansos de flora hidrófila; dos capões de mata e matas ciliares; das transgressões da mata amazônica com a sua franja característica dos carrascais em que uma flora rasteira e trançada assinala uma de suas notas características.

Não influenciada pelo regime plúvio-fluvial amazônico, essa imensa província florística do Brasil subordina-se, entretanto, a um regime de seis meses de chuva anual caída sobre a região que, em sua maior área, corresponde a um imenso planalto de forma tabular, em cujo solo poroso, as águas pluviais facilmente se infiltram, ao compasso das respectivas quedas.

Dentro da área vastíssima da flora extra-amazônica — igual a 60% do território nacional — formam os babaçuais florestas mais ou menos puras, quase sempre cocais típicos, no Nordeste Ocidental; ou ainda naquela área, ou fora dela, ocorrências tais como no Centro Oeste (Mato Grosso, e Goiás), em certos trechos do Brasil de Leste (zona de São Francisco, Triângulo Mineiro, zona limítrofe goiano-mineiro); ou, além disso, associação heteroclitas, pequenos grupos, acantonamentos, mas agora no interior da própria região amazônica, onde, em várias espécies, aparecem no rio Solimões, Purus, Negro, Jamundá, Tapajós inferior e Baixo-Amazonas propriamente dito.

A palmeira denominada babaçu — uma das plantas nativas características da zona dos cocais — pertence o gênero *Orbignya Martiana*, B. Rodr., ao passo que a mais freqüente na região da Hiléa, filia-se ao gênero *Orbignya Speciosa*, Mart. esta comercialmente inferior à primeira.

Em Mato Grosso e Goiás, os babaçuais se compõem, todavia, de indivíduos de outras espécies, entre os quais se assinalam a *Orbignya longibracteata*, B. Rodr., a *Orbignya Macrocarpa*, B. Rodr. a *Orbignya Urbaniana*, Damm., etc.

No Maranhão, os babaçuais típicos, sob o ponto de vista econômico, localizam-se na Baixada Maranhense onde aparecem cobrindo, de preferência, as ondulações do terreno.

Estendem-se, então, em cocais homogêneos pelas terras distantes do rio até alcançarem o vale de qualquer outro curso d'água mais próximo.

Do ponto de vista florístico, a região típica dos babaçuais situa-se porém, no planalto, cobrindo uma área equivalente à quarta parte do território do Maranhão. Aí, prevalece a *Orbignya Martiniana*, B. Rodr., a de maior valor comercial, segundo BURRET.

Em todo o trecho planáltico, a dominância do babaçu chega a caracterizar toda a zona imensa que se estende do Piauí à Rondônia, em Mato Grosso, afastando-se nitidamente, e cada vez mais, da fitofisionomia amazônica, da feição própria das caatingas, e, bem assim, da dos campos cerrados envolventes.

A impressão visual dos babaçuais, que no interior do Maranhão constituem uma zona botânica perfeitamente individualizada, lembra, pela massa compacta dos palmeirais, o aspecto maciço dos cafezais de São Paulo, como justamente já assinalara em 1928, EURICO TEIXEIRA DA FONSECA, em seu trabalho A mina vegetal de ouro — o babaçu.

Grande riqueza vegetal do Brasil, o babaçu não encontrou ainda exploração e aproveitamento em proporção com as suas grandes probabilidades no comércio, dados os empecilhos e dificuldades, que a sua exploração em larga escala exige.

Dentre os sérios problemas impostos à boa exploração do babaçu, figura a quebra do coquilha, sendo de 10% a percentagem em que a amêndoa apresenta em relação à casca. Dessa maneira compreende-se que a exportação do coquilha inteiro constitui uma dificuldade séria que cumpre, quanto antes, demover. Por outro lado, o transporte do coquilha para os pontos de beneficiamento representa outro obstáculo, que contribui aliás, para explicar a localização presente da exploração comercial nas baixadas não muito distantes dos pontos de beneficiamento e exportação, cumprindo salientar que o beneficiamento precisa ser feito na própria zona de produção. Um terceiro problema prende-se à obtenção de máquina adequada a fim de com a mesma se obter a quebra do coquilha, pois a extração da amêndoa tem que ser perfeita, tanto quanto possível, e realizada no próprio local onde se encontra o babaçu.

Completando o quadro das dificuldades a resolver, surge o problema da mão de obra, pois que, além da índole do povo ainda contrária a um tal gênero de vida, os babaquais esplendem em zonas onde a população inexistente, ou é extraordinariamente rarefeita. Não obstante todos os empecilhos com que vem lutando a exploração econômica do babaçu, a exportação deste, longe de diminuir, ou estacionar, tem aumentado progressivamente, como revelam as estatísticas relativas.

Encarado o babaçu sob o ponto de vista industrial, faz-se mister indicar alguns aspectos de primordial importância, como sejam, no caso, a produção por unidade de área, cuidados com o produto exportado, imunização das sementes, secação dos côcos, possibilidade de cultura, estimação da produção possível, custo da produção, variações desta, etc.

As variações gerais, devidas às condições do clima, sobretudo, além da variação individual, decorrente do solo, local, idade da palmeira, do vento, da luz, e das águas recebidas, constituem uma série de razões fortes capazes de explicar as divergências ainda existentes quanto a grandeza da produção, por palmeira e por unidade de área, considerado o babaçu como matéria prima para fins industriais. Por isso mesmo, não é de causar espanto a afirmação de se encontrarem, conforme os locais observados, palmeiras produzindo, cada uma, doze ou mais cachos anuais de coquilhos, tendo cada cacho trezentos ou mais de trezentos pequenos côcos, enquanto outras apenas dão por unidade, um ou dois cachos anualmente.

Em seu trabalho *O Côco Babaçu e o problema do combustível* (2.<sup>a</sup> edição — Rio de Janeiro, 1940, Instituto Nacional de Tecnologia) o químico, professor SÍLVIO FRÓIS ABREU, admitiu a produção de 800 côcos por palmeira durante um ano.

A propósito, depois de aludir à superabundância dos indivíduos nos palmeirais, onde se estabelece verdadeira luta entre as palmeiras babaçu e outras espécies concorrentes visando a conquista de um raio de sol, escreveu o referido químico: "A densidade dos palmeirais, no estado em que se encontram, é em geral, muito grande; muito freqüentemente encontramos mais de 500 por hectare; tivemos a oportunidade de contar até 3 333 por hectare. Nessas grandes concentrações, há quase sempre uma grande porcentagem de palmeiras improdutivas, por deficiência de crescimento, por serem ainda pindovas".<sup>1</sup>

O autor admitiu somente 250 palmeiras por hectare, em palmeirais submetidas à exploração. Cada palmeira disporia, destarte, de uma área de 400 metros quadrados ou sejam 6,33 m de estipe a estipe.

Não obstante os progressos verificados na exploração dos babaquais, ainda não é possível afirmar-se ser a exploração do babaçu um "gênero de vida" típico no Brasil, porque geralmente o trabalhador rural apenas se dedica à ocupação da quebra do côco. A colheita do babaçu existe sem dúvida, mas ainda não conseguiu desviar totalmente o trabalhador rural das suas roças de arroz, algodão e mandioca, localizadas nos pontos em que mais se adensa a população. Além disso, a índole do povo, como se disse, faz com que o homem do campo apenas sinta a necessidade de trabalhar nos babaquais quando a penúria do dinheiro cai-lhe em cheio aumentando-lhe as privações. É quando ele, a mulher, todos de casa, enfim, passam a trabalhar, horas a fio, nos babaquais, na faina da quebra de côcos, para conseguirem, conjuntamente, obter até cento e vinte quilos de coquilhos, ou sejam 8 a 10 quilos de amêndoas, equivalentes a um lucro bruto de uns cinco a dez cruzeiros. É mais por índole, ou por falta de educação dirigida no bom sentido econômico, do que por qualquer razão de ordem físico-geográfica, logo que conseguem a correspondente quantia em dinheiro, ou em gêneros, voltam novamente a não trabalhar nos babaquais... até que a necessidade financeira premente, os impela, mais uma vez, para a mina vegetal dos babaquais.

E é pena que tal aconteça numa região tão despovoada e tão rica de recursos naturais; porque uma forte, inteligente, oportuna e sistemática educação industrial poderia contribuir decisivamente para transformação daqueles hábitos arraigados, e influir diretamente para a valorização e o aumento das explorações dos babaquais, fonte de riqueza onde a amêndoa de babaçu chega a produzir cerca de 68% de óleo claro, ligeiramente ambrado; além de ser próprio para alimentação e fabricação de margarina, é indicado para indústria do sabão e sabonete. Além disso costuma ser empregado como combustível nos motores de combustão interna. A torta é utilizada na alimentação do gado, enquanto a casca do coquilho é reconhecida como excelente combustível e fornece ótimo carvão.

Motivo de sobra teve, pois, SÍLVIO FRÓIS ABREU, ao rematar o que escreveu acerca das Variações da Produção do Babaçu: "No fenômeno da produção do babaçu pelos rotineiros métodos atuais, há a considerar uma constante, que é o número de braços que se mantêm fiéis ao côco — principalmente das mulheres — e uma variável representada pelo braço masculino que abandona o babaçu quando são promissoras as cotações do algodão e do arroz".

Se fôsse possível reunir, numa só frase, a significação antropológica dos babaquais, diríamos que eles surgem no Brasil do presente, muito mais como recursos de produção do que como recursos de ocupação e que, quando existem, como tais, apenas conseguem aparecer sob as acanhadas feições de um "gênero de vida" complementar.

J. V. C. P.

<sup>1</sup> Os naturais chamam pindova a palmeira de pouca idade cuja utilidade é apenas a produção das palmas para coberturas de casas, fabrico de cofos, etc. Com o crescimento, a pindova passa a palmeira. (Nota de SÍLVIO FRÓIS ABREU).

